

## PORTUGAIS

---

*Commenter en portugais le texte suivant et le traduire de « Estêvão acampou a algumas léguas de Juazeiro, ... » jusqu'à « ... Aquilo era uma brincadeira de crianças. ».*

Os trabalhadores largavam seus instrumentos de lavoura, quando os fazendeiros reclamavam, êles diziam que o mundo ia acabar, não adiantava se matar nas roças para ganhar miséria. Soltavam as enxadas, fugiam de noite em busca do beato. E olhavam os coronéis sem aquêl respeito costumeiro, sabiam o que sôbre êles dizia Estêvão em suas pregações. Estavam todos condenados, nem um só se salvaria. Nas igrejas do arraiais diminuïam os batizados, não vinham mais os pares pelos sábados para os casamentos sem solenidade. O beato também batizava e casava e não cobrava nada, era de graça. Os jornais da capital publicaram artigos dizendo que o beato estava incitando os homens do sertão à desordem, que corria perigo a safra daquele ano por falta de braços, que os mais sãos princípios da civilização cristã que, com tanto sacrifício, os abnegados sacerdotes levavam pela caatinga adentro, perigavam, sucumbiam naquela onda de superstição que tão ràpidamente se alastrava por todo o sertão nordestino. Fazia-se necessária e urgente uma enérgica providência das autoridades. Jornais governistas e oposicionistas uniam-se contra o beato, e se bem um repórter houvesse publicado fotos e comentários explorando o que havia de pitoresco em Estêvão e nos seus ritos, os diretores, nos artigos de fundo, afirmavam que chegara o momento de colocar o beato num hospício e reconduzir os camponeses às fazendas abandonadas, obrigando-os ao trabalho. Senão os prejuïzos da lavoura seriam totais naquele ano já que a sêca liquidara parte das colheitas. Os sertanejos não liam os jornais, em geral não sabiam ler nem escrever, mas ouviam as palavras do beato e como já estivessem desesperados, continuavam, cada vez em maior número, a largar as foices e as enxadas, os machados e as puas, só não deixavam o facão porque era a arma que possuíam. E cortavam o sertão em busca dos passos de Estêvão, não queriam que o mundo se acabasse sem haver recebido a sua bênção.

Estêvão acampou a algumas léguas de Juazeiro, ainda na caatinga, longe dos caminhos. Ali havia uns poços de água, os sertanejos caíram de facão nos arbustos, roçaram, levantaram cabanas improvisadas. Pelo visto o beato pensava em demorar ali, ninguém sabia dos seus planos, nem mesmo Zefa que era santa também. Iria êle descer sôbre a cidade, assaltar um trem e rumar para a capital? Iria ficar ali para sempre, recebendo os romeiros, fazendo milagres, curando doentes? Se assim fôsse não tardaria que uma cidade se levantasse naqueles matos. Nem para Bom Jesus da Lapa, nem para Juazeiro do Ceará, onde pontificava o Padre Cícero, caminhava tanta gente pelas estradas da caatinga. Voltaria sôbre seus passos e se embrenharia de novo no sertão, percorrendo-o mais uma vez? O mais certo é que quisesse esperar naquele lugar o momento que anunciava, do mundo se acabando. Êle dizia que havia um lugar no qual Deus ia descer para o julgamento final. Com certeza era aquêl, com seus sete poços. Estêvão parara diante de cada um, acompanhado de Zefa, benzera as águas para que elas não secassem.

35 Foi ali que a expedição policial o veio encontrar. As romarias de sertanejos sucediam-se. Em certas ocasiões chegavam mais de cem de uma vez e era preciso conseguir comida fôsse como fôsse. Os armazéns não vendiam, havia uma ordem dos fazendeiros. O jeito era roubar, matar vacas no campo, carnear ali mesmo, trazer os quartos para o acampamento. Romeiros se especializavam em assaltos, os pedidos de providência eram cada vez mais freqüentes. A polícia  
40 chegou finalmente, oitenta homens bem armados. O capitão estudou a situação, concluiu que se os cercassê eles teriam que se render por falta de comida. Aquilo era uma brincadeira de crianças.

Mas começou a ter atritos com os romeiros que chegavam. Queriam passar, tinham vindo de longe em busca da bênção salvadora do beato. A polícia cortava o caminho de um  
45 lado, os romeiros insistiam, travavam-se pequenos combates, caíam sertanejos mortos e feridos. E os homens do beato continuavam a sair pela noite para roubar. Nunca atacavam a polícia mas, quando eram atacados, se defendiam valentemente, já houvera baixas entre os soldados.

Estêvão durante algum tempo parecera não se preocupar com a fôrça policial que o cercava. Mas quando as mortes começaram e o cêrco foi se apertando, êle pensou que os  
50 soldados podiam matar os sertanejos sem defesa. Foi quando mandou que Cirilo fôsse em busca de Lucas Arvoredo. Aquêles eram os soldados mandados pelos ricos sem salvação que não queriam que sua palavra fôsse ouvida, que os homens fizessem penitência. Não era pecado lutar contra êles. Mas quem o poderia fazer senão Lucas Arvoredo, o cangaceiro?

O cêrco se apertava e Cirilo não voltava com Lucas, os sertanejos iam até muito longe,  
55 buscando-os para lhe indicarem o caminho. Não será que êles se perderam nas voltas da caatinga, nos emaranhados de espinhos? Mas ninguém conhece os segredos da caatinga como Lucas Arvoredo. Êle vem vindo pelos caminhos, antes que a polícia se dê conta êle chegará.

Romeiros furavam o cêrco pela noite, vinham beijar o camisu do beato. Vinham de cinco Estados diferentes; haviam andado léguas e léguas, a polícia não os podia impedir de receber a  
60 bênção de Estêvão. Deixavam as mulheres e os filhos do outro lado, se arrastavam por entre a caatinga, atingiam o acampamento do beato. E não voltavam a sair porque era preciso defender Estêvão e êles tinham facão e garrucha, não era pecado atirar nos soldados. O mundo ia mesmo acabar, que importava morrer?

A cada dia ficava menor e mais difícil a saída livre para os campos. Os soldados  
65 ganhavam a cada noite alguns metros, fazia-se necessário muita sutileza e malícia, um passo de gato, uma ligeireza de onça, para passar entre as patrulhas, ir às fazendas, trazer os bois abatidos, as cabras mortas, as mantas de carne-sêca. Alguns ficavam com uma bala no peito. Mas a comida para os romeiros não faltava no acampamento do beato Estêvão.

Jorge AMADO (1912-2001), *Seara vermelha*, 1946.